

Poder feminino chega às religiões em Campinas

A psicóloga Inajara Lopes está prestes a se tornar a primeira monja budista de Campinas. Líder sindical até o final da década de 90, ela é a prova de que as mulheres avançam em mais um setor da sociedade: pelo menos no Brasil, aos poucos, elas conquistam posições hierárquicas mais altas nas religiões, principalmente entre os budistas, os evangélicos e os espíritas.

PÁGINA A18



Mulheres sobem na hierarquia da fé

Campinas terá sua primeira monja budista e, apesar da predominância masculina, o Brasil já tem várias pastoras e rabinas

A ex-líder sindical Inajara Lopes, psicóloga e futura monja: "Quando Buda fundou o budismo, ele lutou contra a discriminação. Nossa filosofia entende que todos são iguais"

Fabiano Ormaneze
DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
fabiano.ormaneze@rac.com.br

Em breve, a psicóloga Inajara Lopes vai estar com os cabelos ainda mais rentes à cabeça — uma prova de que será uma nova pessoa e que as vaidades ficaram guardadas no passado. Ela ganhará um novo nome, de origem tibetana, e vai dedicar um espaço cada vez maior à meditação, ao isolamento e à contemplação das belezas naturais. Os votos de abstinência sexual, de nunca mais fumar — hábito que já abandonou — ou de não ingerir uma gota de álcool sequer também farão parte deste rito de passagem.

Inajara está prestes a se tornar a primeira monja budista de Campinas. Líder sindical até o final da década de 90, quando foi a responsável por articular grandes greves de ser-

vidores municipais na gestão de Francisco Amaral (1998-2002), a psicóloga é a prova de que as mulheres avançam em mais um setor da sociedade: pelo menos no Brasil, aos poucos, elas conquistam as posições hierárquicas mais altas nas religiões, principalmente entre os budistas, os evangélicos e os espíritas.

Luteranos foram pioneiros entre as igrejas cristãs

"Eu continuo querendo a transformação social. Mas percebi que a luta política não traz a mudança que tornará o mundo mais justo. A modificação precisa ser, primeiramente, interior. É preciso haver doação pelo outro, muito mais do que luta", afirma Inajara.

A ex-sindicalista descobriu

o budismo há pouco tempo. Faz mais ou menos cinco anos que ela recebeu como presente de um amigo um livro do Dalai Lama. Era a *Arte da Felicidade*, que vendeu milhões de exemplares. As palavras do budista mais importante do mundo a seduziram. Começou a frequentar o templo Kadampa, no Jardim Guanabara, em Campinas. Com estudos, meditação e muito aconselhamento, a mulher que, na adolescência, sentira o desejo de ser freira, retornou à vocação. "A vida religiosa sempre me impressionou e, agora, me encontrei."

No budismo, não existe nenhuma divisão de postos entre homens e mulheres, nem mesmo de orientação sexual. Por isso, no mundo, o número entre monjas e monges é praticamente o mesmo. "Quando Buda fundou o budismo, ele lutou contra a dis-

criminação. Nossa filosofia de vida entende que todas as pessoas são iguais, têm as mesmas condições de evoluírem em sua relação com o mundo", explica Inajara.

A única dúvida da psicóloga é se uma mulher conquistaria a condição de Dalai-Lama, o mais alto grau na hierarquia do budismo, uma espécie de papa, se comparado com os

padrões hierárquicos católicos. "O respeito a monges e monjas é o mesmo. No budismo, as pessoas estão mais preocupadas com a transformação interior", afirma.

Preconceito

A situação vivida pela psicóloga não é a mesma de líderes religiosas de outras denominações. Neusa Tetzner, por exemplo, é pastora luterana há 20 anos e a primeira mulher a ocupar o posto na região de Campinas. Para obter o título, sofreu preconceitos desde que decidiu cursar teologia. "Na faculdade, havia colegas homens que perguntavam se o meu objetivo era encontrar um marido. Um professor também disse que o melhor para mim seria me casar com um pastor", conta ela, que atua numa comunidade em Valinhos e se casou com um católico. "Sempre que eu chegava numa nova comunidade, as pessoas estranhavam e não entendiam o fato de haver uma mulher num lugar que sempre foi dos homens", relembra.

A Igreja Luterana foi, entre as denominações cristãs, a primeira no mundo a ordenar mulheres. Elas presidem celebrações desde a década de 40, baseadas num princípio de Martinho Lutero (1483-1546), responsável pela reforma protestante que le-

vou ao surgimento das igrejas evangélicas. "Pregamos o sacerdócio como uma possibilidade a todos aqueles que crêem, como está na Bíblia, na primeira carta de Pedro", diz. A história da Igreja Luterana explica esse pioneirismo. Na época da reforma, Catarina von Bora, esposa de Lutero, foi uma das principais difusoras dos ideais protestantes. Além disso, freiras que abandonaram o catolicismo no período tiveram papéis de liderança na construção das igrejas evangélicas.

No Brasil, há atualmente 800 pessoas à frente de comunidades luteranas e, dessas, 138 são do sexo feminino. "Mas ainda há muitas restrições. Já percebi que, de um modo geral, as celebrações presididas por homens têm mais frequentadores", diz Neusa. Mas a pastora sabe que ser mulher também facilita sua atuação. "Com um pastor, dificilmente as mulheres contariam fatos íntimos, falaria de problemas como violência doméstica", comenta. Assim como entre os luteranos, na maioria das igrejas evangélicas, como a batista, a presbiteriana e anglicana, as mulheres também já presidem cultos.

Intolerância

Além do preconceito por ser mulher, Eunice de Souza, pa-

ra ganhar respeitabilidade, enfrentou a intolerância religiosa e o racismo. Ela é a Mãe Dango, um dos principais nomes do candomblé na região. Filha de uma evangélica fervorosa, com quem ficou um ano sem trocar nenhuma palavra, também apanhou nas ruas por professar uma fé associada, no senso comum, à feitiçaria. Na década de 80, logo depois de atingir o ponto mais alto num terreiro, Eunice trabalhava como gari. Usava colares simbolizando os orixás enquanto varria a Rua

13 de Maio e foi empurrada por um passante. "Essa é uma prova de que estou livre do preconceito por ser mulher dentro do candomblé, mas, nas ruas, me deparo com a intolerância por causa da religião que escolhi."

Nas tradições afro-brasileiras, o papel reservado à mulher é superior ao dos homens. Isso explica porque a esmagadora maioria, cerca de 80% dos líderes, sempre foram mulheres. Há, inclusive, cerimônias que só podem ter mãos femininas no comando. "O candomblé sempre entendeu que a mulher representa a continuidade da vida. O poder gerador está com ela. Além disso, há ligações espirituais que as mães-de-santo conseguem realizar que os homens não atingem jamais", explica a antropóloga Ivete Previtali, que estuda a história do candomblé e é também mãe-de-santo.

Ivete, que atende também pelo nome de Mãe Olunanganji, explica que a importância feminina na cultura afro vem dos primórdios. "Na África, as mulheres sempre tiveram uma importância política muito grande. Estiveram à frente de movimentos, tinham autonomia, eram comerciantes e sempre tiveram dinheiro nas mãos. É natural que, neste contexto, elas fossem colocadas nos maiores postos religiosos."

SAIBA MAIS

Apesar de ainda encontrarem resistência para ocupar postos de liderança, as mulheres são mais religiosas que os homens, conforme pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Atualmente, apenas 3,98% delas não possuem crença, enquanto eles somam 6,32%. Entre as que frequentam alguma religião, 76,16% são católicas, contra 79,49% dos homens. A pesquisa da FGV demonstrou que, num grupo de 50 denominações religiosas, a predominância feminina só não existe no islamismo, no catolicismo, no judaísmo e no hinduísmo.

Católicos colocam em discussão a ordenação feminina

Concílio permite que teólogas formem padres, mas celebração de missas ainda é vetada

Nas seis religiões com maior número de adeptos no Brasil — catolicismo, protestantismo, espiritismo, budismo, candomblé e judaísmo —, somente os católicos ainda não têm mulheres nos postos mais altos. Apesar de existirem as congregações femininas — que formam freiras —, os principais ritos, como a missa e a eucaristia, só podem ser ministrados por homens.

A teóloga e professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) Ivenise Teresinha Gonzaga estudou durante seu doutorado o papel das mulheres no catolicismo. "A Igreja tem um vínculo muito forte com a tradição. Para se ter uma noção, entre as pessoas que dão aulas em seminários, apenas 10% são mulheres", explica. A possibilidade de ajudar a formar os futuros padres foi um ganho do Concílio Vaticano 2º, na década de 70.

"Hoje, a maioria dos teólogos já discute o fato de a ordenação ser exclusiva para os homens. Não existe nenhum fundamento bíblico que justifique isso." De acordo com Ivenise,

a decisão de ordenar apenas homens foi um dogma que se estabeleceu simplesmente pelo fato de que os apóstolos que seguiam Cristo eram todos do sexo masculino. "Um novo concílio para mudar esse dogma ainda está longe de acontecer."

Entre os espíritas, não há nenhuma distinção entre homens e mulheres, até porque não existem hierarquias. No judaísmo, há pelo menos três correntes religiosas: os ortodoxos, os conservadores e os liberais. No último grupo, as mulheres já podem se tornar rabinas e Deus é chamado de majestade, uma forma de demonstrar o desconhecimento do sexo do criador.

No Brasil, a primeira mulher a chegar ao posto foi a carioca Sandra Kochmann, em 2003. Para não aceitarem mulheres como lideranças, as outras duas correntes se baseiam na crença de que o conjunto de leis judaicas é imutável e, como não houve rabinas no passado, não deveria haver no presente ou no futuro. No mundo todo, já existem 660 rabinas. (FO/AAN)

Carlos Sousa Ramos/AAN



A pastora luterana Neusa Tetzner, a primeira mulher a ocupar o posto na região de Campinas: preconceitos superados



Ivete Previtalli, Mãe Olunanganji, e Eunice de Souza, Mãe Dango: o feminino tem destaque no candomblé